

Nas profundidades: os limiares entre a memória e o esquecimento

Luise Weiss

Brasil. Professora Titular no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas. Atua na graduação em Artes Visuais e no PPG Artes Visuais. Artista visual e pesquisadora, trabalha com temas relacionados à gravura e à fotografia, dedicando-se também aos estudos de livros de artista e livros-objeto. Publicou em 2012, pela Imprensa Oficial/SP, o livro *No mar* que reuniu gravuras, fotografias e pinturas que fizeram parte de sua exposição individual *Passagens* que se realizou em 2010 no Museu de Arte de São Paulo (MASP).
luiseweiss@iar.unicamp.br

Resumo

O texto trata de um relato de pesquisa artístico, no qual a questão das camadas, das superfícies, as diferentes sobreposições de imagens, ora surgem, ora quase desaparecem. As texturas de origem orgânica, vegetais ou madeiras, tornam-se matrizes para desenhos, gravuras e, finalmente, ressurgem nas fotografias. A questão primordial se coloca: o que as camadas sobrepostas revelam? A hipótese é que se pode pensar nos limites entre o desaparecimento e o aparecimento; limites entre a vida e a morte, nas imagens.

Palavras-chave

Fotomontagens, Sobreposições, *Frottagem*, Memória, Esquecimento.

Abstract

It is a topic of artistic research, that is, the surfaces, surfaces, as on images of images, now appear, now almost disappear. Textures of biological origin, vegetables or woods, matrices for drawings, for engravings and, finally, resurge in the photographs. The primordial question arises: what do the overlapping layers reveal? The boundaries between disappearance and appearance; between a life and a death, in the images.

KEYWORDS

Photomontages, Overlaps, Frottage, Memory, Oblivion.

“Daí não ser pretensão minha, observando esse solo, fazer emergir tudo que ele esconde. Interrogo apenas as camadas de tempo que terei de atravessar antes de alcançá-lo. E para que ele venha juntar-se, aqui mesmo, ao movimento – à inquietude – de meu próprio presente.” Georges Didi-Huberman. *Cascas*.

“Nessa paisagem que talvez tenha surgido. De um lugar vazio onde as árvores foram derrubadas, talvez também se possa enterrar algo de tal modo que o capim cresça sobre essa coisa. Então ela terá desaparecido do mundo?” Harald Weinrich. *Lete*.

“Distante o que foi antes e fundo profundo: quem o devassará?” Haroldo de Campos. *Qohélet / O que sabe*.

Introdução

Quando observo a trajetória dos trabalhos artísticos, realizados nos últimos anos, culminando com a série “Profundidades”, ocorrem dois momentos, visíveis, quase simultaneamente: o primeiro, relativo a profundidades físicas, ou seja, o que se encontra enterrado, no fundo, ou então as camadas diversas, sobrepostas. Já o seguinte, profundidades dos sentimentos e afetos relacionados a este fazer artístico-trazer para a profundidade (ou a margem?) o que ficou distante, o temor de perder novamente esta imagem – seria perceber o limiar entre a captura da imagem e a possível perda novamente. Compreender que, atrás disto, estão essas imagens da morte, ou da vida que se esvai, que foge, e que não posso segurar, mas ainda tento segurá-las, essas imagens.

Em termos de uma cronologia, se isso for possível, posso pensar nas *frottagens*, nas xilogravuras e nas fotomontagens. Em todos estes trabalhos, o denominador em comum é a matéria-prima, ou seja, o contato físico com as madeiras e com as fotografias. A madeira, as árvores, as folhas e sementes sempre exerceram em mim uma forte atração e fascínio: a relação da árvore, da vida e do homem.

As Xilogravuras

A madeira é a matéria-prima primordial, e surge como matriz para gravação (no caso da xilogravura), como suporte para as *frottagens*, e como fotografias (nas fotomontagens). Nas xilogravuras, datadas de 2013/2014, já ocorrem sobreposições de matrizes diversas; várias matrizes sobrepostas, gerando uma única imagem, mais difusa. As sobreposições não foram planejadas, apenas ocorreram num relance de olhar: o que iria acontecer na sobreposição de retratos ou retratos e paisagens? Em cada impressão, uma descoberta única. Essas imagens gravadas difusas tornam-se sugestões de movimentos, com tonalidades diversas: protos cinzas, ocres e outros. Sem preocupação em repetir a imagem impressa, tornaram-se cópias únicas.

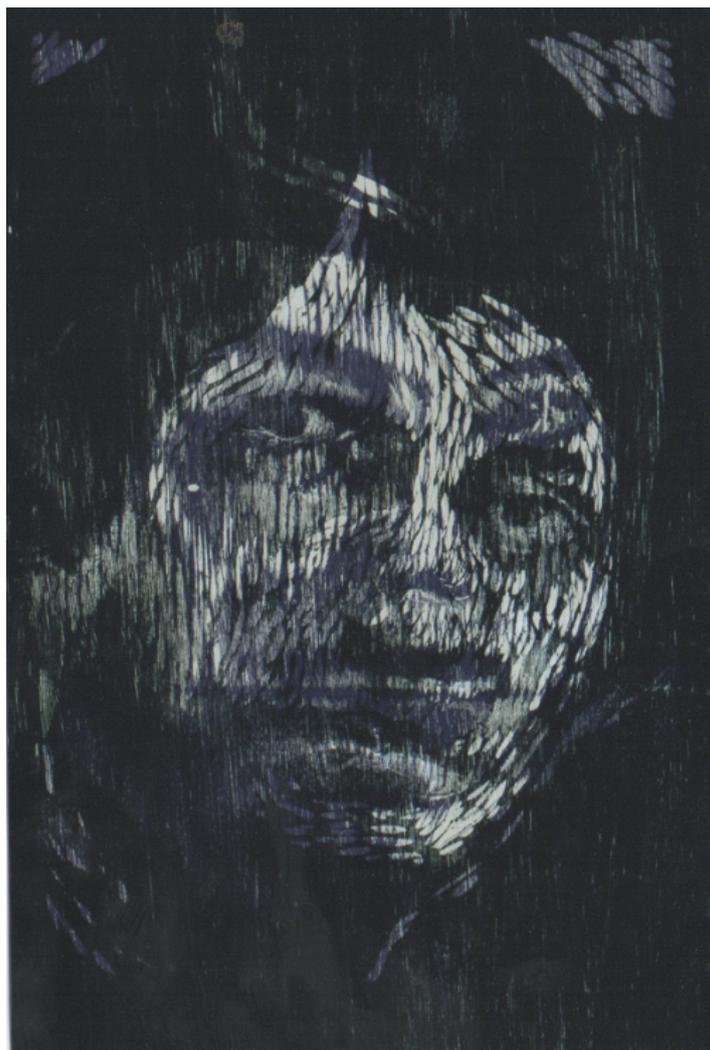


Fig. 1 - Luise Weiss, Xilogravura, 21x30 cm, 2016.
Acervo Pessoal

As frottagens

No caso das *frottagens*, (o termo vem do verbo francês *frotter* – esfregar), técnica antiga de impressão de relevos, Fritz Eichenberg no seu livro *The Art of the Print: Masterpieces, History and Techniques*, dedica um pequeno capítulo a esta técnica de impressão: “The rubbing as a print technique is one of the oldest forms of art reproduction, for earlier than the woodcut. Or the comparatively modern processes of etching, engraving, and lithography.”

A técnica da *frottagem* surgiu como expressão artística em meu trabalho durante o workshop de Marianowo, na Polônia, em 2015. O contato do papel de desenho, com as texturas das madeiras e os grafites, assim como nas sobreposições xilográficas, traziam surpresas. Apenas quando o grafite era esfregado na superfície do papel, as texturas, os nós da madeira, surgiam. Como estruturar um retrato com situações tão precárias, enfrentando ventos, chuviscos, formigas e mosquitos?



Fig. 2 - Luise Weiss, Frottagem, 21x30 cm, 2015.
Acervo Pessoal.

Minhas experiências demonstram que a *frottagem*, técnica de impressão antiga, chega aos nossos dias e tem muitas potencialidades: Giuseppe Penone, artista italiano, explora a *frottagem*, Max Ernst, igualmente, desenvolveu trabalhos com a *frottagem* e pintura. As *frottagens* de autoria própria, criadas numa curta estadia em Marianowo, um vilarejo ao norte da Polônia, surgiram da matéria-prima (pinho-de-riga) e fotografias de retratos poloneses, de origem judaica, no período da II Guerra Mundial. Essa população, na maioria jovens, crianças e idosos, oriundos de vilarejos e cidades habitadas pela população judaica, do Leste Europeu, era mais pobre, sem possibilidades de imigração.

As fotografias extraídas de cartões postais, fotografias antigas, feitas em cópias xerox, são retratos anônimos da época anterior à Segunda Guerra Mundial. Andando pela região do workshop, comecei a procurar um destino para estes retratos. Observando as cercas feitas com o pinho-de-riga, ocorreu-me vislumbrar os retratos saindo (ou entrando) das texturas dessa madeira. Gradativamente, comecei a trabalhar nessa série, diretamente nas cercas de madeira, ou nas mesas de pinho-de-riga. Assim, caminhando e observando, incluí outras texturas como pedras, velhas máquinas, folhagens, texturas variadas dialogando com os retratos.

As Sobreposições Fotográficas

Esta série, realizada com sobreposições fotográficas, (utilizando processos analógicos), camadas sobre camadas, perseguiram aspectos temporais, utopias, diversas fases da vida de uma pessoa; sobrepostas, como idas e vindas, criaram áreas difusas, sem nitidez. A vida em uma passagem, rápida e veloz, impressa pelo sucessivo clicar da máquina fotográfica. O que Jean-Paul Curnier, em *Memórias de Ruínas*, fala: “Por isso, cada fotografia, uma vez que compõe parte dessa matéria, é também, como parte, uma lembrança pessoal”. (p.104) Em alguns momentos criei sobreposições de retratos fotográficos, da mesma pessoa, porém, em épocas diversas: jovem, adulta, idosa. Durante as sobreposições, muito semelhante às xilografuras sobrepostas, esta série também não tinha muito rigor. Em camadas, uma sobre a outra, criou-se uma sugestão de movimentos e desaparecimentos.



Fig. 3 - Luise Weiss, Fotomontagem, 30x42 cm, 2013
Acervo Pessoal

Profundidades: Fotomontagens

Fig. 4 - Luise Weiss, Fotografia, 15 x 21 cm, 2016.
Acervo Pessoal

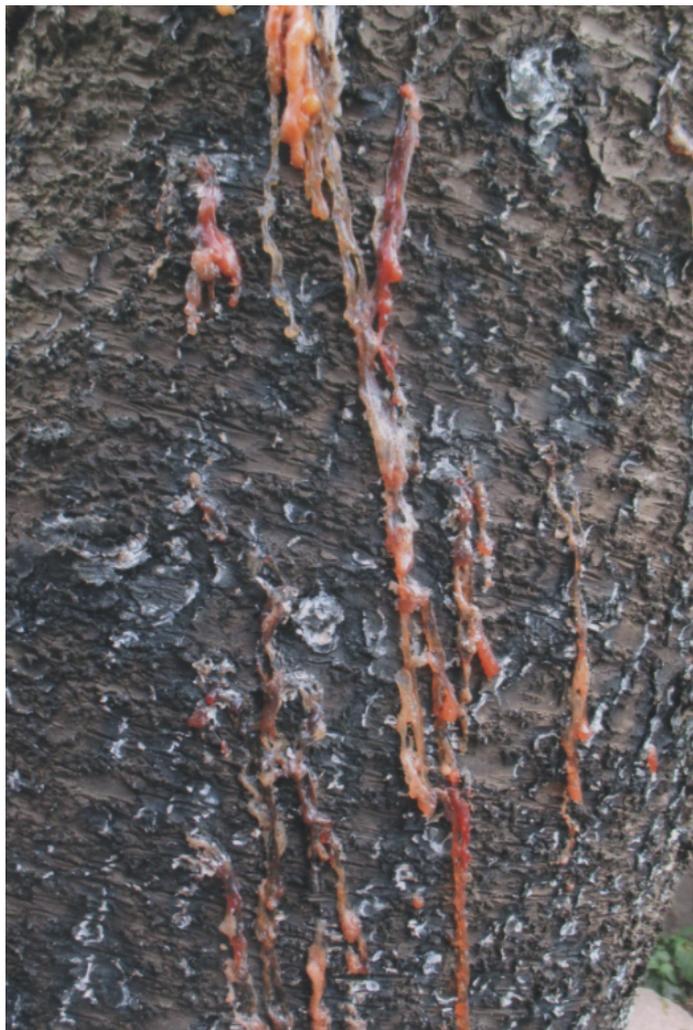


Fig. 5 - Luise Weiss, Fotografia, 15x 21 cm, 2017.
Acervo Pessoal

Nas caminhadas que realizo pelos arredores do Instituto de Artes, IEL e IFCH, na Unicamp, observo e fotografo as árvores, suas texturas e, sem conhecer o nome científico, admiro as cascas, as texturas, as cores destes troncos de árvores. O que fazer com estas fotografias? E se eu as sobrepuser com os retratos fotográficos? O que resultaria no conflito das texturas tão evidentes com os rostos? Como diz Georges Didi Huberman, no livro *Cascas*: “Qual a consequência dessa luz para o meu olho que procurava? Qual a consequência para o meu olho, deixando de procurar, fitou o solo e se voltou para o remoto cimo das árvores.” (p.13)



Fig. 6 - Luise Weiss, Fotomontagem, 30 x 42 cm.
Acervo Pessoal.



Fig. 7 - Luise Weiss, Fotomontagem, 30x42 cm, 2017.
Acervo Pessoal.



Fig. 8 - Luise Weiss, Fotomontagem, 30x42 cm, 2017.



Fig. 9 - Luise Weiss, Fotomontagem, 30x42 cm, 2017.



Fig. 10 - Luise Weiss, Fotomontagem, 30x42 cm, 2017
Acervo Pessoal

Realizei esta série de sobreposições fotográficas, sem retoque, ou seja, como ocorreram os “acazos” premeditados: sobrepor o retrato ao tronco, como se habitasse nele ...fantasmagorias. As texturas, marcantes e espessas, modificam os retratos, criam deformações, imagens espectrais. Algumas estão em fase de apagamento imagético, ou seja, estão presentes, porém são difíceis de serem avistadas. Em muitos momentos, percebi a indagação: onde está o retrato? A textura

proeminente altera a imagem tênue do retrato, talvez, um momento antes do desaparecimento definitivo?

Fabíola Notari, colega e artista visual, realizou a parte digital, escaneou as imagens, e lhe pedi para não retocar, deixar como ocorre na sobreposição. A curiosidade de contemplar o resultado, trazia, às vezes, um incômodo: o incômodo a que me refiro são as deformações surgidas nos retratos fotográficos, sobrepostos às texturas tão marcantes, que ficaram tênues, prestes a desaparecer; imagens que remetem à morte. A morte num sentido duplo: a morte física, rostos distorcidos, imagens melancólicas. A morte simbólica: os retratos ainda estão aí, mas quase apagando. Pouco se vislumbra ainda, quase nada. A textura da casca da madeira é priorizada. Mas os rostos não serão esquecidos, as suas histórias ficaram gravadas na memória, entre o aparecimento e o esquecimento. Porém, ainda estavam presentes, como se a vegetação, com toda a sua força, quisesse apagar esse rosto. Reluto entre o esquecimento e a memória, gravada nos fragmentos das árvores. “Se o poema é um túmulo de palavras, ele também é um monumento, um mnêma ou um ‘memorial’ que lembra as façanhas dos heróis mortos, sua existência e, ao mesmo passo, sua perda.”, escreve Jeanne Marie Gagnebin em *Limiar, aura e rememoração*. (p.17).

Entre o esquecer e lembrar

No presente texto, vejo uma trajetória constante no trabalho artístico: imagens que oscilam entre a lembrança e o esquecimento. Um percurso no qual a materialidade física, a madeira, sua textura, é substituída gradativamente pela fotografia. Da superfície plana da madeira, à textura áspera, porosa, tornara-se, impossível gravar ou imprimir nesses troncos de madeira. As fotografias, porém, resguardam e valorizam as texturas das árvores, colocando questões em evidências: como posso visualizar o impacto da textura dessas arvores, com os rostos? O que iria predominar: o rosto ou a matéria? Durante o percurso artístico estes pensamentos e reflexões surgiram no contato com a obra: o terreno é nebuloso. Para onde foram? Para onde irei?

Referências

- BAUDRILLARD, Jean. *A Arte da Desaparição*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Núcleo de Tecnologia da Imagem, 1997.
- _____. *A Troca Impossível*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002.
- BLANCHOT, Maurice. *A Conversa Infinita. A Experiência Limite*. São Paulo: Ed. Escuta, 2007.
- CAMPOS, Haroldo. *Qohélet = O-que-sabe: Eclesiastes: poema sapiencial*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- DERRIDA, Jacques. *Demeure. Maurice Blanchot*. Paris: Galilée, 1998.
- DIDI-HUBERMAN. *Cascas*. São Paulo: Editora 34, 2017.
- _____. *Imagens Apesar de Tudo*. Lisboa: KKYM, 2012.
- _____. *Ser Crânio. Lugar, contato, pensamento, escultura*. Belo Horizonte: Editora c/ Arte, 2009.
- _____. *La ressemblance par contact*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2008.
- EICHENBERG, Fritz. *The Art of the Print. Masterpieces, History, Techniques*. New York: Harry N. Abrams, 1976.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Limiar, aura e memorização. Ensaio sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014.
- Imagens*. Unicamp nº 3 – Dez 1994. (Revista)
- JANKÉLÉVITCH, Vladimir. *La Mort*. Paris: Flammarion France, 1977.
- _____. *Pensar la Muerte. Falando de Cultura Economica*, Buenos Aires: s/ed, 2006.
- MAUREN, Veronique, RIBAUPIERRE, Claire. *Le Corp Évanoui. Les Imagens Subites*. Paris: Ed. Hazan, 1999.
- SILVAN, Gérard, MINZELES, Henri. *Yiddishland*. Paris: Ed. Hazan, 1999.
- TODOROV, Tzvetan. *Em Face do Extremo*. Campinas: Papirus, 1995.
- WEINRICH, Harald. *Lete. Arte e Crítica do Esquecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.